



MAPA DA TV

UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA

VERSÃO 3.0



Alzimar Rodrigues Ramalho



Associação Brasileira de Televisão Universitária
Televisão Universitária. Este é o nosso canal.



Associação Brasileira de Televisão Universitária

Televisão Universitária. Este é o nosso canal.

Mapa da TV Universitária Brasileira Versão 3.0

REALIZAÇÃO

ABTU - Associação
Brasileira de Televisão
Universitária

Texto

Alzimar Rodrigues Ramalho

Revisão

Ricardo Andrade Evaristo

EDIÇÃO

Coordenação e Organização
Ricardo Andrade Evaristo
Cláudio Márcio Magalhães

Projeto Gráfico,

direção de Arte e capa

Marcelo Bambirra da Silva

Ricardo Andrade Evaristo

EDITORA

Anadarco Editora Comunicação

Rua Oscar Freire 328 / cj. 81 - São Paulo - SP

(11) 2737-5317 - E-mail: editoraanadarco.com.br

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e Classificação da Biblioteca Central da UFV

	Ramalho, Alzimar, 1962
R165m	Mapa da TV universitária brasileira: versão 3.0 Alzimar
2011	Ramalho. – Viçosa, MG, 2011.
	82p. : il. ; 17cm.
	Inclui apêndice.
	Inclui anexo.
	ISBN: 97885-7269-396-7
	1. Televisão – Estações educativas 2. Televisão no ensino superior. I. Título

CDD 22.ed 378.17358

Apresentação

Cláudio Márcio Magalhães

Presidente da ABTU – Associação Brasileira de Televisão Universitária.

Se tem um lugar onde o provérbio “casa de ferreiro, espeto de pau” se encaixa, é nas TVs Universitárias.

Não tenho dúvidas para falar da qualidade da produção das televisões universitárias, um sopro de ânimo neste hegemônico mundo televisivo brasileiro comercial, excelente em qualidade técnica mas pobre no resto. Diversidade de conteúdos, fontes, formatos, lugares, produtores. Idéias, ideais, visões de mundo... Tudo que as instituições de ensino de propõem a oferecer em um mundo ideal. E que boa parte das equipes das TVs Universitárias pelo país afora se mata para fazer e veicular.

O problema é que falamos muito pouco de nós mesmos. Como retraídos nerds, ficamos recolhidos em nossos pequenos estúdios e ilhas de edição, produzindo, produzindo, produzindo, na vã

esperança que o mundo olhará para nós com um ar de orgulho e compreensão. Vá lá, nem precisa ser o mundo. O(A) Reitor(a) já estaria de bom tamanho!

Bem, é dura a realidade, mas geralmente o(a) Reitor(a) (e boa parte da comunidade acadêmica) tem mais o que fazer. Neste momento, algum outro setor da IES está batendo a porta solicitando que o seu pedido passe para a parte de cima da pilha de prioridades. E a nossa solicitação da compra de uma nova câmera afunda um pouco mais.

Mas também não condenemos assim tão rápido os tímidos guerreiros das TVs Universitárias. Afinal, são os únicos que matam um dragão por dia, mas têm que freqüentar as aulas as noites. Embora a televisão universitária já seja uma jovem senhora de mais de 40 (com a inauguração da TV Universitária de Pernambuco em 1969), somente depois de 1995 (com a Lei do Cabo) é que ela resolveu sair de casa. Portanto, ainda está encontrando o seu lugar no mundo.

E, como tal, faltava até parâmetros para que cada TV Universitária faça sua auto-análise. Afinal, estamos no caminho certo? O que os demais colegas estão fazendo pelo país afora? Quais são os modelos de produção e negócio? Mas, como nos

comunicamos mal e/ou não temos tempo para fazer uma ampla investigação, vamos ficando no nosso cantinho como medo de falar bobagem. E o nosso pedido de câmera vai afundando mais!

Pois é isso que esse documento pretende fazer. Um exaustivo trabalho feito pela Profa. Dra. Alzimar Ramalho, com o apoio da ABTU, no sentido de oferecer aos colegas das TVs Universitárias, aos Reitores e dirigentes das IES, aos estudantes e funcionários, o retrato multiforme do que é a televisão universitária no Brasil.

Um retrato que nos foi surpreendente: ela vai dizer mais adiante, você deve ter lido no release do livro, mas eu não me contenho em repetir: a TV Universitária brasileira cresceu 700% desde 1995! Nenhum outro tipo de televisão cresceu tanto. Ainda mais se tratando de um segmento dentro do denominado ‘campo público de televisão’, que engloba as demais emissoras voltadas para o interesse público, como as legislativas, educativas e comunitárias.

Aliás, desconfio que nenhum país tenha tantas televisões universitárias em seu território. E ainda com um enorme potencial pois, apesar destes números, apenas 6% das IES do país tem sua televisão.

A pesquisa também confirma que a TV Universitária, assim como a universidade brasileira, é diversa e assim deve ser. Embora o trabalho irá, muitas vezes, fazer uma média estatística de características das emissoras, de modo algum isso representa um desejo de construção de uma TV ideal. Ao contrário, nos orgulhamos dessa diversidade pois é justamente contra a hegemonia que lutamos.

Tem mais, mas vou deixar que desfrute com calma. Basta dizer que os dirigentes, professores e funcionários têm em mãos um excelente instrumento para entender a sua própria TV Universitária, ou um guia para construir a sua. Para os estudantes, argumentos para entrar de vez neste verdadeiro laboratório audiovisual, seja como produtor associado, seja como reivindicador de seu desenvolvimento.

Mas é, antes de tudo, um manancial de bons argumentos com que podemos temperar um almoço com nosso Reitor(a), para que ele fique devidamente informado e entusiasmado e, finalmente, libere a compra daquela câmera!

Prof. Dr. Cláudio Márcio Magalhães
Presidente da ABTU

Prefácio

As evidências da dívida

Marília Franco¹

Quando o assunto é televisão e academia há duas evidências que não me canso de apontar:

- a dívida impagável de estudos acadêmicos sérios e sólidos sobre a TV na sociedade brasileira, nos aspectos históricos, estéticos, na organização de um corpus metodológico próprio para análise do fazer televisivo e na produção sistemática de reflexões críticas;

- a inclusão dos canais universitários na Lei do Cabo como um “presente do legislador” que a academia ainda não conseguiu “receber” a contento.

¹ Profa. Dra. Marília Franco - graduada em cinema, mestre e doutora em Artes e professora de graduação e pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes - USP no Curso Superior do Audiovisual. Criadora e diretora, por 05 anos, da TV USP - CNU/SP.

Essas duas questões ficam escancaradas quando tentamos entender as contradições que saltam aos olhos na excelente pesquisa feita por Alzimar Ramalho.

A primeira pergunta que não quer calar refere-se as absurdas dificuldades relatadas para fazer o levantamento dos dados sobre as TV's universitárias. Começando pela dificuldade de chegar ao universo das universidades brasileiras, que sequer tem dados precisos no sitio do MEC, até o desinteresse desses “centros de pesquisa” em responder ao email de uma pesquisadora.

No momento de interpretar as informações coletadas começa a se confirmar a falta de referências teóricas academicamente constituídas para a análise de um campo tão específico e diferenciado como é esse das TV's e dos canais universitários. A questão central refere-se a grade de programação, que é o coração pulsante da tradição televisiva. Ainda que todo o sistema de comunicação audiovisual esteja em mutação acelerada na sociedade, o formato de grade de programação ainda é um referencial indispensável para se pensar a televisão.

Nesse aspecto a grande maioria dos Canais Universitários não realiza a tradição da grade de

programação na sua lógica de distribuição dos programas por faixas que dialogam com os grupos específicos de telespectadores em determinados horários como crianças, donas de casa, família completa. Essa tradição dos canais abertos modelou a relação da sociedade brasileira com a TV e chega mesmo a pautar as relações sociais como - te ligo antes ou depois da novela?

Onde está a massa crítica acadêmica, com conceitos e metodologias para analisar as particularidades de um fazer televisivo e consolidar a possível importância desse presente do legislador? Não tenho a menor dúvida sobre a importância do mundo acadêmico mostrar sua produção através da TV, mas ... se a universidade ainda não assimilou a TV como objeto de estudo importante, como ficamos?

Os dados coletados pela pesquisa e analisados no texto de Alzimar falam mais de programas de TV's e quase nada de grades e canais, pois a constituição dos canais universitários se dá por formas bem diferentes desses conhecidos por faixas de programação. Esse assunto está mais aprofundado na tese de doutorado de onde esses dados foram extraídos.

É certo que os canais universitários multiplicaram

sua criação visando ocupar o espaço legal oferecido pela TV a cabo, mas que parâmetros conceituais tomar como orientação para pensar a comunicação acadêmica através da linguagem televisiva? Até hoje não podemos dizer que haja um estudo organizado e sistemático da comunicação audiovisual televisiva que possa balizar a análise dessa experiência particular que são as TV's e os canais universitários.

Temos estudos sobre formatos específicos de programas, como telenovelas, por exemplo. Há um olhar mais orientado pela tradição de análise cinematográfica do que formatado por uma reflexão própria ao complexo e diversificado painel de formatos que se integram numa grade de programação e que constituem um conjunto contínuo de comunicação, interpenetrando-se em contaminações de significados e formação de visões de mundo.

Certamente é esse ambiente difuso de conhecimento histórico e conceitual sobre televisão que influencia também a dificuldade de uma tomada de posição mais definida e integrada as políticas acadêmicas por parte das IES. Parece que há uma intuição de que ter uma televisão universitária é importante, mas ainda não se consegue definir bem por que, como e por onde

começar a integra-la eficientemente aos projetos das universidades. Dai sua dispersão entre as reitorias, os cursos de comunicação, os setores de extensão e cultura ou as produções terceirizadas.

Há, no entanto, o que comemorar nesse universo esgarçado. As televisões e os canais universitários estão muito bem organizados na documentação e no registro histórico de suas atividades e na produção de reflexão crítica sobre esses fazeres. Há experimentos preciosos que já mereceram registro e mesmo que já estão sendo replicados no ambiente das TV's comerciais e públicas.

Nessa medida fica claro que as pessoas que fazem a TV universitária tem consciência da importância de suas oportunidades e tem responsabilidade em não perder o conhecimento construído.

Por isso o permanente trabalho da ABTU para agregar as experiências, apoiar as pesquisas e divulgar os resultados é uma luz sobre esse mundo em que muitas coisas ainda não podem ser chamadas pelo nome.

Índice

Mapa da TV Universitária Brasileira - versão 3.0.....	15
1. Relato das atividades de pesquisa.....	17
2. Tabulação e análise dos resultados.....	21
Quantidade e localização das TVs universitárias.....	25
Estrutura Institucional.....	31
Relação Institucional.....	35
Produção de conteúdo.....	37
Capacidade de produção de conteúdo inédito.....	41
Tempo de exibição.....	43
Sistema operacional.....	45
Compartilhamento.....	49
Fontes de financiamento.....	51
Associativismo.....	55
Formatos de programas.....	57
3. Considerações finais.....	65
Referências bibliográficas.....	68
APÊNDICE A.....	73
ANEXO 1.....	76

MAPA DA TV UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA VERSÃO 3.0

Este relatório apresenta os resultados obtidos na pesquisa de campo que atualizou o Mapa Nacional das TVs Universitárias, desenvolvida com o apoio da ABTU (Associação Brasileira de TV's Universitárias)¹. O objetivo foi buscar elementos possibilitem traçar um perfil do segmento quanto a sua institucionalização, formas de gestão, participação da comunidade universitária na produção do conteúdo e os suportes de veiculação. Ou seja, compreender de que forma a universidade vem se comunicando com a sociedade, por meio da sua televisão.

O primeiro mapa foi apresentado em 2002-2004 pelo Prof. Dr. Juliano Carvalho com uma equipe de estagiários da TV PUC de Campinas, localizando aproximadamente 30 instituições de ensino superior com produção regular de programas de TV. O segundo

¹ A coleta de dados foi feita por Suely da Silva Lima, que recebeu uma bolsa por meio de um convênio ABTU/CIEE/FEMA entre agosto de 2008 e dezembro de 2009. A ABTU também arcou com as contas telefônicas.

levantamento foi apresentado em 2004 por Gabriel Priolli e Fabiana Peixoto, apresentando 85 TVs, distribuídas em 31 canais a cabo, 12 veiculando em rede aberta e um em circuito fechado.

Em 2010, esse levantamento localizou 151 instituições de ensino superior com produção televisiva, e considerando 1995 como um marco para o campo público de televisão, quando as TVs universitárias não passavam de 20 em todo o país, o crescimento foi superior a 700%. O relatório a seguir está inserido na tese de doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo defendida em junho de 2010 com o título “O perfil da TV universitária e uma proposta de programação interativa”. Desta pesquisa resultaram outras duas monografias de conclusão de curso de Jornalismo pela Fundação Educacional do Município de Assis, de Suely da Silva Lima e Letícia Fiochi, referenciadas no final.

1. RELATO DAS ATIVIDADES DE PESQUISA

Usamos como fonte o portal do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (<www.inep.mec.gov.br>), órgão do Ministério da Educação responsável pelo aperfeiçoamento da educação superior que, em fevereiro de 2009, registrava 2.495 IES (universidades, centros universitários, institutos, faculdades e fundações). É importante observar que este número varia muito, já que a cada dia são abertas (ou fechadas) novas instituições.

A primeira etapa foi realizada entre agosto e novembro de 2008, com uma pesquisa-teste aplicada na região Sudeste. Optamos pelo envio de e-mails com uma explicação sumária dos objetivos no corpo da mensagem e o questionário anexado em formato “word”. Verificamos, entretanto, dois problemas nessa metodologia. Primeiro, a morosidade das respostas por parte das universidades.

Acreditávamos na efetividade da ferramenta no ambiente acadêmico, especialmente no Sudeste, pelo nível de inclusão digital esperado da região que concentra o maior número de instituições de ensino superior do Brasil (cerca de 1.200, ou seja, praticamente metade das IES de todo o País). Em três meses foram enviados e reenviados cerca de 400 questionários, dos quais apenas 41 retornaram, ou seja, 4% das instituições, que ainda nem poderiam servir de base para uma análise eficiente, pois 63% dessas respostas informavam que não havia TV. Isso inviabilizaria o prosseguimento da pesquisa, cujo objetivo – reforçamos – foi não somente mapear, como também elaborar um perfil do segmento.

Assim, optamos por antecipar a segunda etapa da coleta de dados (contatos por telefone) que, inicialmente, deveria servir para as confirmações que se fizessem necessárias. Apesar de mais oneroso, esse recurso nos levaria de forma mais rápida à informação da existência ou não de TV universitária nas instituições e, em caso positivo, a um contato direto com o responsável para que informasse seu e-mail, além de reforçar a importância da colaboração no envio das respostas.

Em janeiro e fevereiro de 2009 foram levantados os números de telefones de todas as instituições

cadastradas no site do INEP. Ao iniciarmos os contatos, deparamo-nos com o segundo problema: erros de informação no registro, como números com Algarismos Insuficientes ou que remetiam a outros assinantes (açougues, casas comerciais ou residências, por exemplo). Isso demandou um esforço imprevisto, levando a confirmações em sites por meio de ferramentas de busca, o que nem sempre se mostrou eficiente, pois muitas não se apresentam na Internet. E, ainda, mesmo que o número estivesse correto, frequentemente as ligações eram transferidas para uma média de cinco ramais diferentes, até conseguirmos concretizar contatos que pudessem oferecer informações qualificadas – normalmente nos departamentos de Marketing ou na coordenação de cursos de Comunicação.

2. TABULAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

De março a novembro foram realizados cerca de 9 mil contatos telefônicos, tendo sido localizadas 1.662 IES (66% das instituições cadastradas no INEP) o que, para efeito de tabulação, foram considerados como 100% da nossa amostragem (Gráfico 1). A decisão de descartar as 833 IES restantes (34%) não prejudicou o resultado, pois, como observou Magalhães (2009), se essas IES não foram localizadas via telefone (o meio de interação mais direto) mostra que, “ou estão desativadas, ou são pequenas ou desorganizadas, o que diminui – em muito – as possibilidades de terem uma TV universitária.” (informação verbal)².

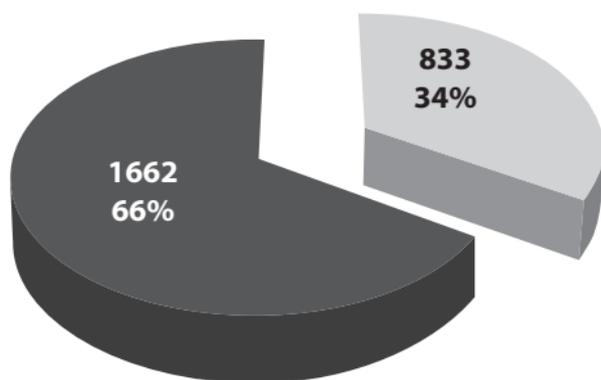
² O Prof. Dr. Cláudio Magalhães, presidente da ABTU, coorientou as fases de elaboração do questionário, acompanhou a análise da efetividade e as medidas de adequação do processo de coleta de dados. Brasília, outubro de 2009.

Apesar das dificuldades acima descritas, somente por meio dos contatos telefônicos foi possível cumprirmos o primeiro objetivo da pesquisa de campo: localizar as instituições de ensino superior que têm TV universitária. Das 1.662 IES contatadas, 151 (9%) responderam afirmativamente à pergunta: “A instituição tem TV universitária?”³. Aqui, é importante destacar que foi considerada como resposta positiva tanto a instituição que tem um espaço próprio de veiculação quanto a que produz apenas um programa, por exemplo, exibido em outros canais, seja em rede aberta, por assinatura ou em circuito interno. Salientamos que trabalhos audiovisuais postados pelos alunos no “Youtube” ou em outras redes sociais, embora importantes iniciativas, não foram considerados como TV, por não carregarem o conceito de oferta de grade de programação.

³ Acompanha este relatório a relação das 151 IES, incluindo fone e/ou e-mail de contato.

Amostragem:

■ Contatadas
■ Não localizadas



100% = 2.495 IES inscritas no MEC
Referência: fev/2009
(Pesquisa realizada por telefone)

Gráfico 1 - Amostragem de IES inscritas no MEC

Alzimar Ramalho

Quantidade e Localização das TVs Universitárias

Essas TVs encontram-se distribuídas em cinco regiões, conforme detalhado no Gráfico 3. Na Região Sudeste, foram concretizados contatos com

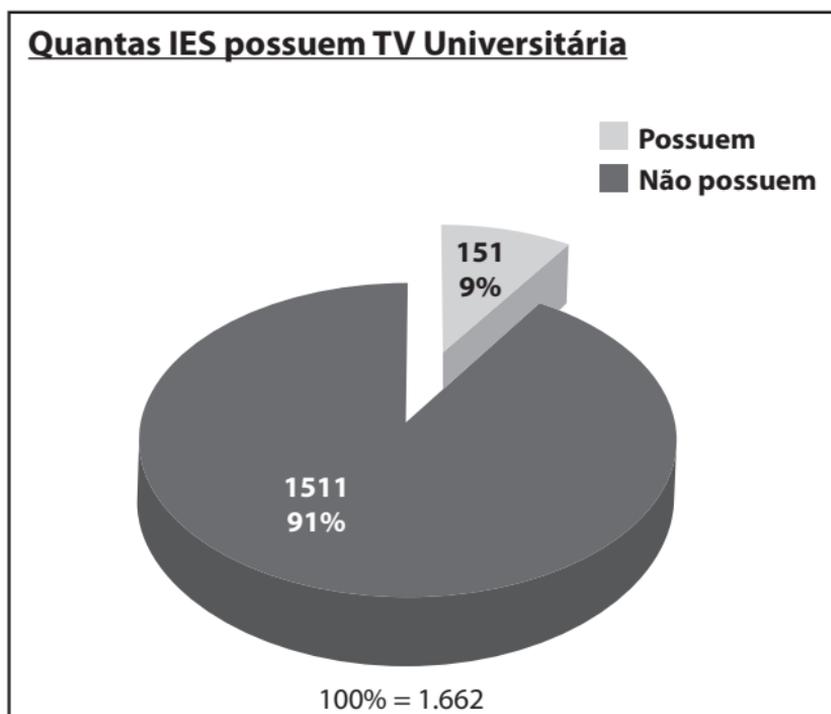


Gráfico 2 - Quantidade de TVs universitárias no Brasil

Alzimar Ramalho

716 IES e dessas, 53 (7%) responderam que têm TV. No Norte, das 109 instituições localizadas por telefone, 9 (8%) responderam afirmativamente. No Nordeste foram contatadas 336, e 34 delas (10%) informaram que têm TV. No Centro-Oeste, das 207 IES, 17 (8%) responderam afirmativamente. E, na Região Sul, das 294 instituições, 38 (13%) responderam que têm TV.

Os resultados também possibilitam outra constatação: apesar de o Sudeste sediar o maior número de instituições de ensino superior, o Sul é a região onde a TV está mais presente no ambiente universitário, considerando a relação “quantidade de TVs” e “quantidade de universidades”. Isso não vem a ser uma grande surpresa ao levarmos em conta o histórico do segmento, tendo a Universidade Federal de Santa Maria (RS) iniciado a produção da TV Campus (<<http://www.ufsm.br/tvcampus>>) em 1994, um ano antes de entrar em vigor a Lei de Cabodifusão, e foi uma das primeiras do segmento no cabo, seguida da TV PUC de São Paulo. Além disso, em 1997, o Rio Grande do Sul sediou o I Fórum Brasileiro de TVs Universitárias, realizado pela Universidade Federal de Caxias do Sul, quando foi criada a ABTU, formalmente registrada em 2000. Apenas esses dois eventos já demonstram o interesse das universidades daquela região pela criação e manutenção

de TVs, o que será reforçado adiante, com outras informações obtidas nesta pesquisa.

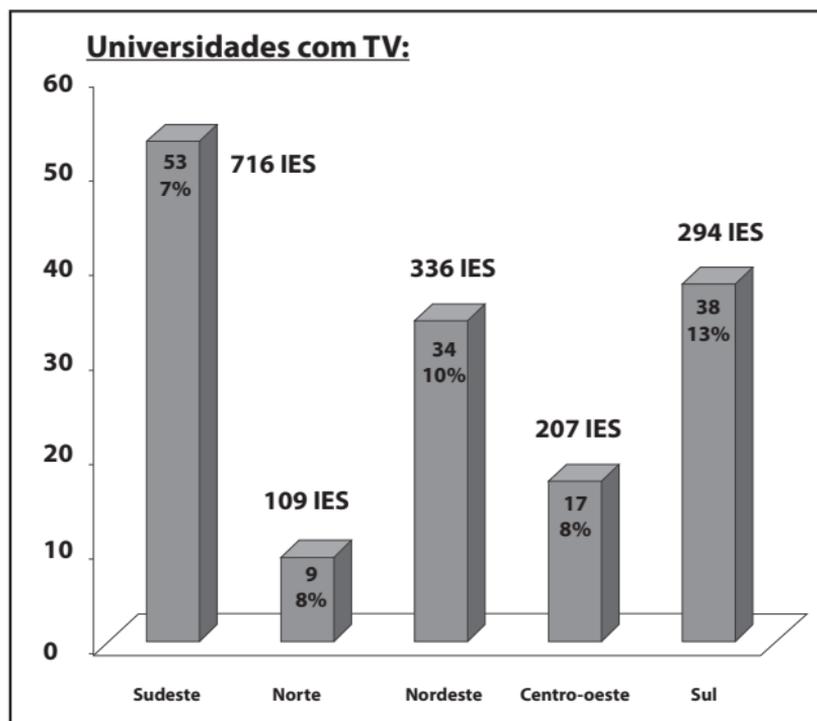
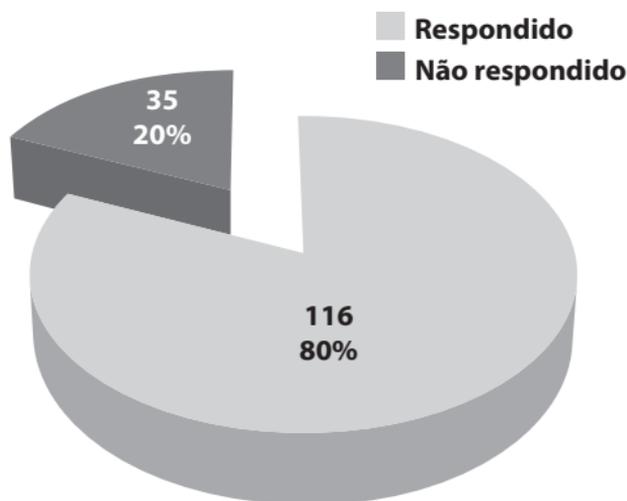


Gráfico 3 - Distribuição de TVs universitárias por região

Alzimar Ramalho

De posse das informações básicas sobre os responsáveis por essas TVs, foram enviados a todos os 151 dirigentes os questionários, novamente por e-mail, acreditando que, desta vez, a ferramenta pudesse surtir efeito. De março a novembro de 2009, mesmo com a insistência pelas respostas, também por e-mail, o retorno foi de apenas 35

Questionários enviados por e-mail



A região Norte não respondeu

100% = 151

Gráfico 4 - Quantidade de respostas ao questionário

Alzimar Ramalho

TVs (20%), sendo considerados, a partir deste momento, como 100% da amostragem utilizada para a verificação de questões ligadas a institucionalização, orçamento e conteúdo.

Na Região Norte, nenhuma das nove IES que por telefone afirmaram que tinham TV deram o retorno do questionário, impossibilitando sua inclusão na tabulação, como será percebido nos próximos gráficos. Na Região Centro-Oeste, apenas uma das 17 TVs colaborou com o envio das informações. Na região Sul temos 06 universidades, 02

centros universitários e 02 faculdades. No Sudeste, 12 universidades, 03 centros universitários e 02 faculdades. No Nordeste, 06 universidades e 01 centro tecnológico. E no Centro-Oeste, a única resposta foi de uma universidade.

Antes de prosseguir com a análise e interpretação dos dados, é necessária uma reflexão sobre os motivos pelos quais pode ter havido essa baixa colaboração dos dirigentes das TVs. Essa dificuldade em obter informações qualificadas não foi tão surpreendente, já que pesquisas anteriores igualmente padeceram do mesmo descomprometimento, até mesmo quando se tratava de informações que poderiam trazer, como retorno, a possibilidade de angariar verbas. Ainda assim, consideramos 20% ser um índice suficiente para a interpretação dos dados.

Estrutura Institucional

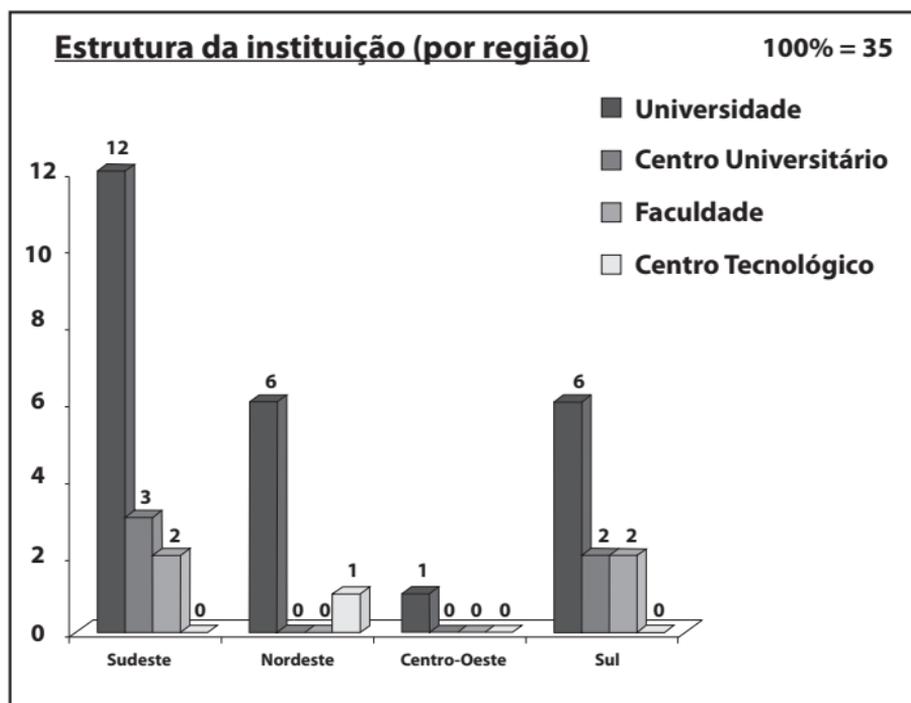


Gráfico 5 - Classificação das instituições de ensino superior (por região)

Alzimar Ramalho

Na somatória das regiões, verificamos que a grande maioria das TVs universitárias está localizada em universidades (72%), seguidas de centros universitários (14%), faculdades (11%) e centros tecnológicos (3%). Isso leva a considerar que as universidades estão mais propensas a investir na manutenção de uma estrutura de TV, cujos re-

curtos necessários para se manter variam de R\$ 30 mil até R\$ 1,5 milhão anuais, de acordo com levantamento da Associação Brasileira de TVs Universitárias (FÓRUM NACIONAL DE TVS PÚBLICAS I, 2006, p. 71). O estudo aponta que, entre as associadas, o orçamento médio anual do segmento é de R\$ 500 mil, e a estrutura por emissora é de quatro ilhas de edição, um estúdio, seis câmeras para externa e estúdio, 15 funcionários e um veículo próprio – metade delas utiliza o sistema de transporte de suas instituições e, por se tratar de uma média, muitas TVs operam com uma quantidade ainda menor de equipamentos, e quanto aos recursos humanos, não estão computados nem os estagiários remunerados nem os estudantes voluntários, o que reduz ainda mais a incidência sobre o orçamento.

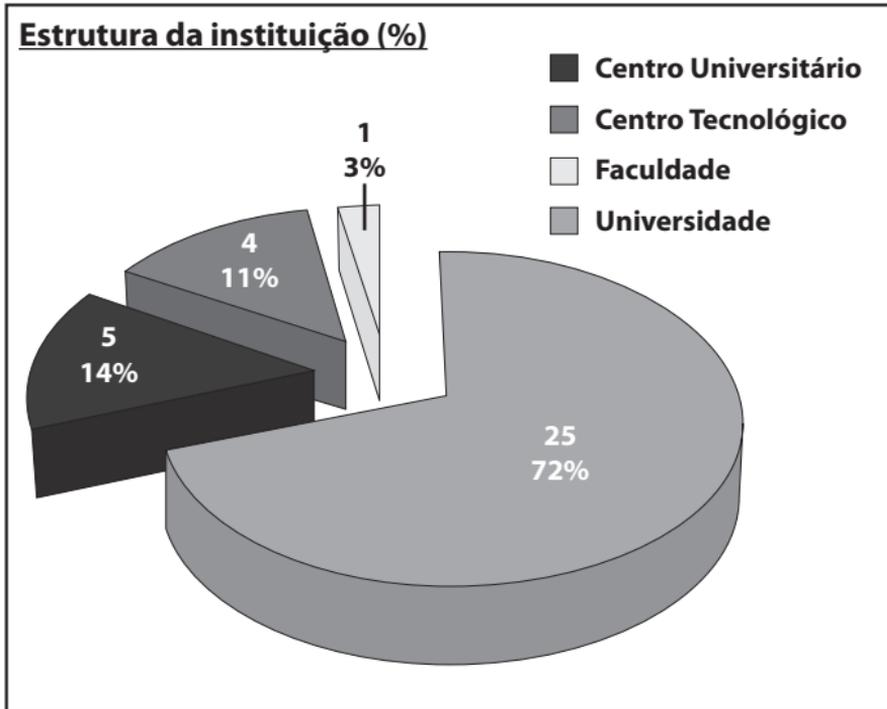


Gráfico 6 - Classificação das instituições de ensino superior (geral)

Alzimar Ramalho

Relação Institucional

Quanto à relação institucional das TVs, ou seja, se respondem à reitoria ou à presidência das mantenedoras (no caso de instituições não universitárias), a pró-reitorias ou a algum curso de graduação, estes foram os resultados: 67% das TVs são ligadas à reitoria ou à presidência da mantenedora, 19% a cursos da área de Comunicação Social (apenas no Sudeste e no Nordeste) e 11% são ligadas a pró-reitorias. Dessas últimas, vale destacar uma peculiaridade – são pró-reitorias de ensino ou de extensão, ou seja, a TV universitária ainda não tem lugar na área da pesquisa. Há, ainda, emissoras ligadas a vice-reitorias ou a órgãos executivos, como coordenadorias de Comunicação Social, por exemplo, que estão incluídas no critério “reitoria/presidência da mantenedora”.

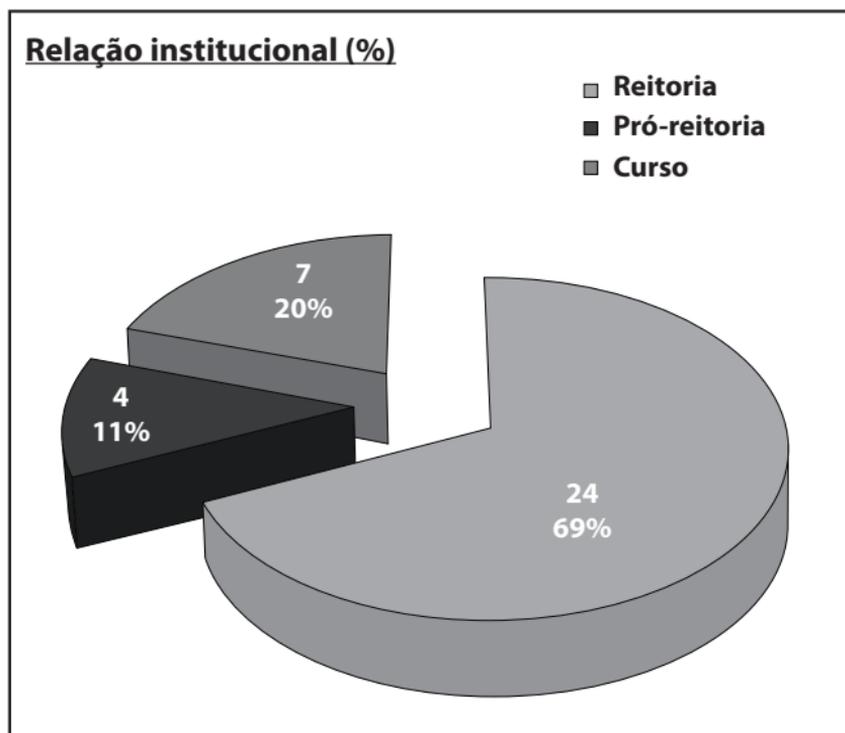


Gráfico 7 - Classificação hierárquica das TVs universitárias

Alzimar Ramalho

Produção de Conteúdo

Os próximos gráficos demonstram que, mesmo estando ligadas majoritariamente aos órgãos máximos das administrações universitárias, há um forte predomínio do viés acadêmico na produção de conteúdo. No Sudeste, 08 (oito) TVs são constituídas de professores, estagiários e funcionários; 05 (cinco) com professores e alunos e 04 (quatro) somente por profissionais contratados. No Nordeste, 04 (quatro) são produzidas por professores, estagiários e funcionários e as demais por alunos e professores; profissionais contratados e empresa terceirizada, e no Centro-Oeste, por alunos e professores. Mais uma vez a Região Sul se diferencia do restante do país, com uma incidência maior de profissionais respondendo pela programação, como mostram os números: 03 (três) TVs responderam que sua produção é feita por funcionários, estagiários e professores e outras 03 (três), por profissionais contratados e outras 02 (duas) são produzidas por empresas terceirizadas; apenas 02 (duas) são compostas de professores e alunos.

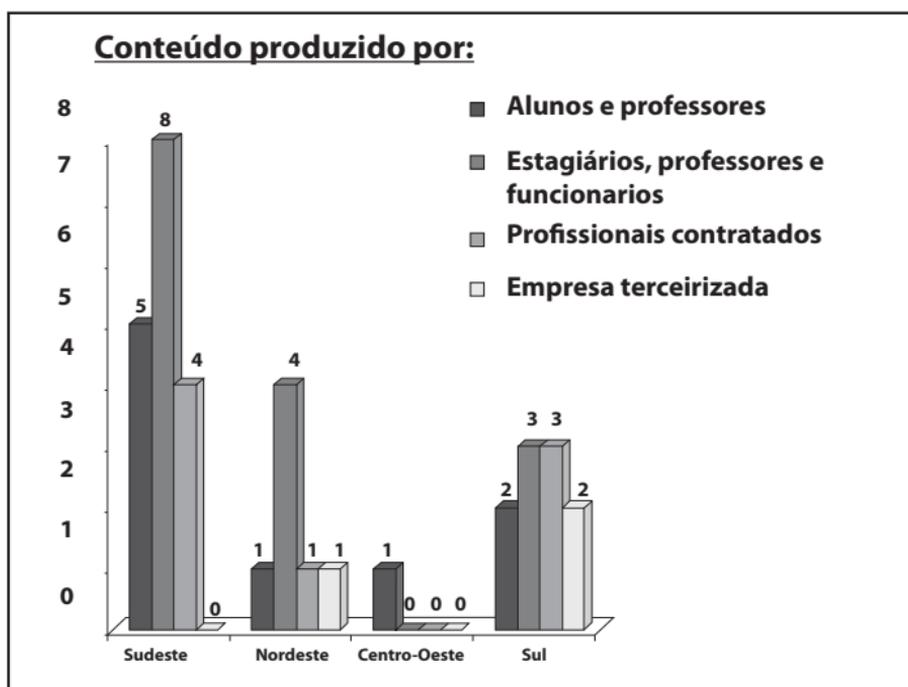


Gráfico 8 - Participação acadêmica na produção (por região)

Alzimar Ramalho

Considerando que estagiários são alunos da instituição, embora atuando fora do horário das aulas, verificamos que estão presentes, juntamente com professores, em 69% das TVs, e que apenas 31% delas são constituídas apenas por funcionários, sejam eles contratados e, em índice bem menor (8%) por empresas terceirizadas. Essa realidade pode ser explicada pelo fato de que os alunos, professores e funcionários, por serem integrantes desse campo, estão mais propensos a entender que tipo de televisão a universidade quer por no ar. Já uma produtora independente dificilmente conseguiria refletir essa personalidade, talvez seja

por isso o baixo índice de empresas terceirizadas no segmento (apenas no Sul e no Nordeste), fato este que leva a supor que as instituições preferem assumir o controle da produção.

Há ainda outra questão que se soma a isso, ligada à política de pessoal, pois nessas TVs raramente os professores envolvidos ganham além de seus salários de docentes; o aluno – quando muito – recebe uma bolsa que não ultrapassa 100% de sua mensalidade e sobre a qual não incidem os encargos trabalhistas; e os funcionários, se não estivessem na TV, provavelmente seriam alocados em outro departamento. Ou seja, os gastos com RH estão diluídos nesse processo. É importante considerar, ainda, que mesmo terceirizando o serviço, a universidade é corresponsável não apenas pelo conteúdo como também pelas relações trabalhistas. Se uma TV contrata uma empresa, e um funcionário aciona a Justiça do Trabalho contra a produtora, a universidade pode dividir o suposto ônus.

Conteúdo produzido por (%):

- Alunos e Professores
- Estagiários, Professores e funcionários
- Profissionais contratados
- Empresa terceirizada

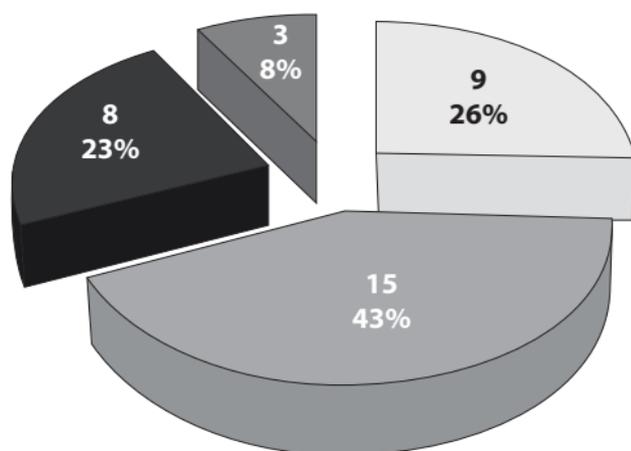


Gráfico 9 - Participação acadêmica na produção (geral)

Alzimar Ramalho

Capacidade De Produção de Conteúdo Inédito

O fato da Região Sul contar, majoritariamente, com profissionais contratados ou empresas terceirizadas na produção de conteúdo pode ser a explicação para sua capacidade de produção inédita por semana, superior às demais regiões. Das 10 TVs que responderam o questionário, 06 produzem acima de três horas, 06 de uma a três horas e 01 até uma hora. Duas TVs se distinguem das demais: a FurgTV, mantida pela Universidade Federal do Rio Grande (RS), informou produzir 14 horas inéditas, e a UCS TV, da Universidade de Caxias do Sul, 32 horas semanais inéditas.

No Sudeste, 06 TVs têm produção inédita de até uma hora, 06 de uma a três horas; e 05 TVs acima de três horas. No Nordeste, a capacidade de produção inédita é menor: 04 até uma hora, 01 de uma a três horas e 02 acima de três horas. No Centro-Oeste, de uma a três horas.

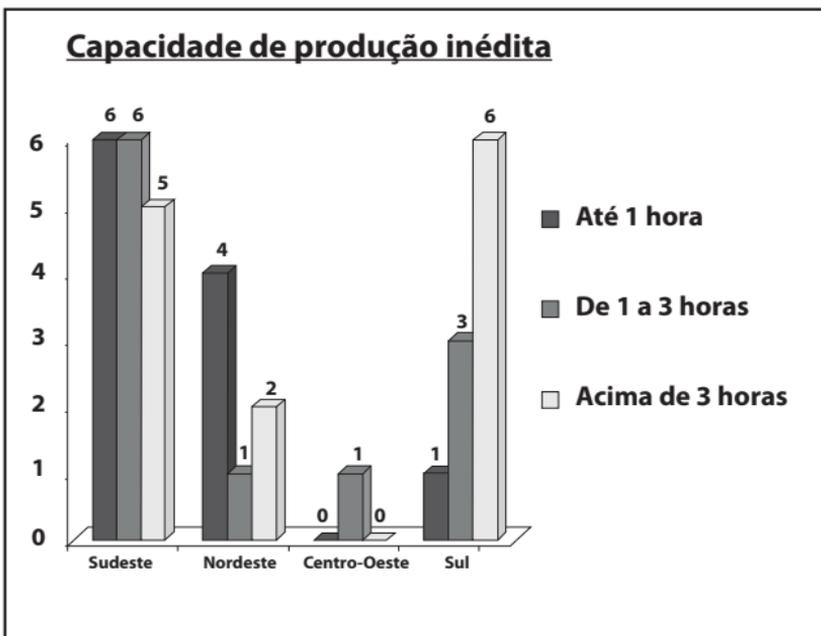


Gráfico 10 - Capacidade de produção inédita semanal (por região)

Alzimar Ramalho

Tempo de Exibição

A baixa capacidade de produção inédita é bastante prejudicial ao segmento, pois obriga as TVs a firmarem convênios com outras emissoras educativas públicas e privadas para completar sua grade (frequentemente com as TVs educativas dos estados, a SESC TV e a TV Futura). Por um lado, isso resolve o problema de oferta de conteúdo, já que o telespectador pode se afastar do canal universitário se estiver exposto, muitas vezes, a um mesmo programa. Sem questionar a qualidade das emissoras parceiras do segmento universitário, o ponto negativo é que elas passam a fazer o papel, ou criam a imagem de “cabeças de rede”, prejudicando a identificação do canal que tem por objetivo oferecer um conteúdo produzido pela universidade.

No Sudeste, 08 TVs ficam no ar de 7 a 21 horas, 04 acima de 21 horas semanais, e 02 exibem até sete horas semanais. No Nordeste, 05 ficam acima de 21 horas no ar e 02 até sete horas. No Cen-

tro-Oeste a reprise é mais acentuada, com uma capacidade de produção entre uma e três horas inéditas para uma permanência acima de 21 horas no ar. No Sul, 04 ficam acima de 21 horas e as outras três dividem-se entre até sete horas e de 7 a 14 horas.

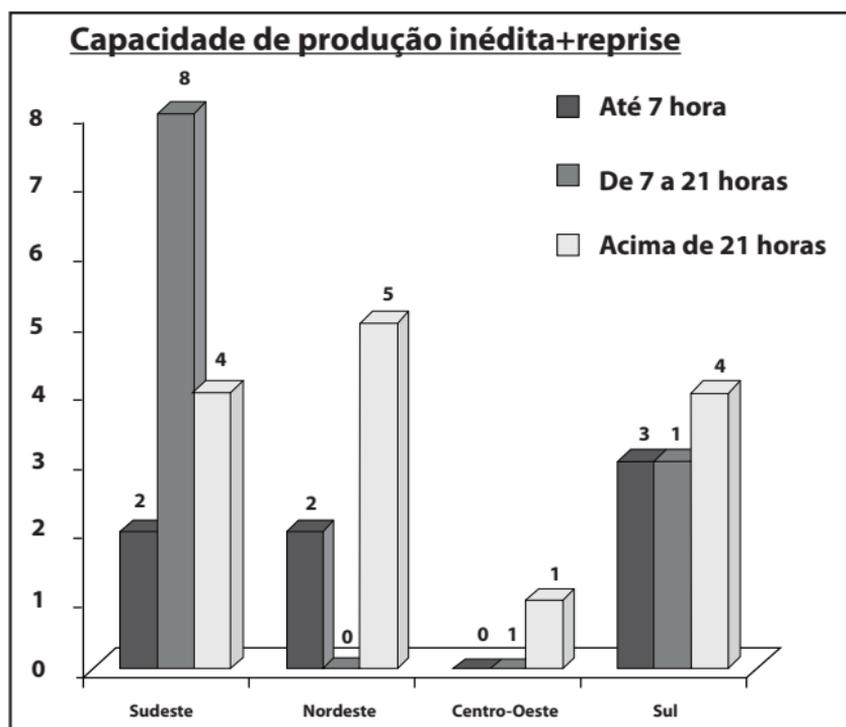


Gráfico 11 - Tempo de exibição semanal (por região)

Alzimar Ramalho

Sistema Operacional

A questão relativa às plataformas de veiculação possibilitou mais de uma resposta às seguintes alternativas: cabo, aberta, web e circuito interno. Das 35 respostas ao questionário, 13 (37%) estão exclusivamente no cabo, mas 27 (78%), além do cabo, veiculam seus programas também em rede aberta, na internet ou em circuito interno. Ou seja, o sistema por assinatura ainda é o meio que abriga a grande maioria do segmento, o que pode ser explicado pelo fato de a Lei do Cabo, em 1995, ter impulsionado a criação de grande parte das TVs hoje existentes. Entretanto, chama a atenção a baixa utilização da Web, desconsiderando o potencial de comunicação das mídias digitais. Apenas quatro TVs (duas no Sudeste e duas no Nordeste) utilizam somente a plataforma para veiculação, ou seja, 11% do total. Outras 10 têm a web como uma alternativa de veiculação, ou seja, estão no cabo, em rede aberta ou em circuito interno e também disponibilizam os programas na rede. As oito restantes ainda não estavam na rede.

A simples transposição de um programa produzido e formatado para veiculação na TV a cabo ou aberta para um portal de internet é uma subutilização do sistema. Esta realidade contradiz uma grande reclamação de estar “confinado” no cabo, levando o segmento à busca por uma maior visibilidade cobrando das autoridades um espaço no espectro da TV digital. Sem desmerecer a iniciativa, que consideramos legítima já que a TV universitária faz parte do campo público e deve lutar por esse direito, a estranheza maior está no fato de a própria academia estar “de costas” para um meio de comunicação que já demonstra sua aderência, especialmente entre a população jovem. De acordo com Farah (2009), citando a pesquisa “O Futuro da Mídia”, realizada pela consultoria multinacional Delloite, “os brasileiros passam três vezes mais tempo por semana conectados à internet do que assistindo televisão [...] o levantamento diz que a maioria das pessoas (81%) cita o computador como meio de entretenimento mais importante do que a TV.”

Sistema Operacional:

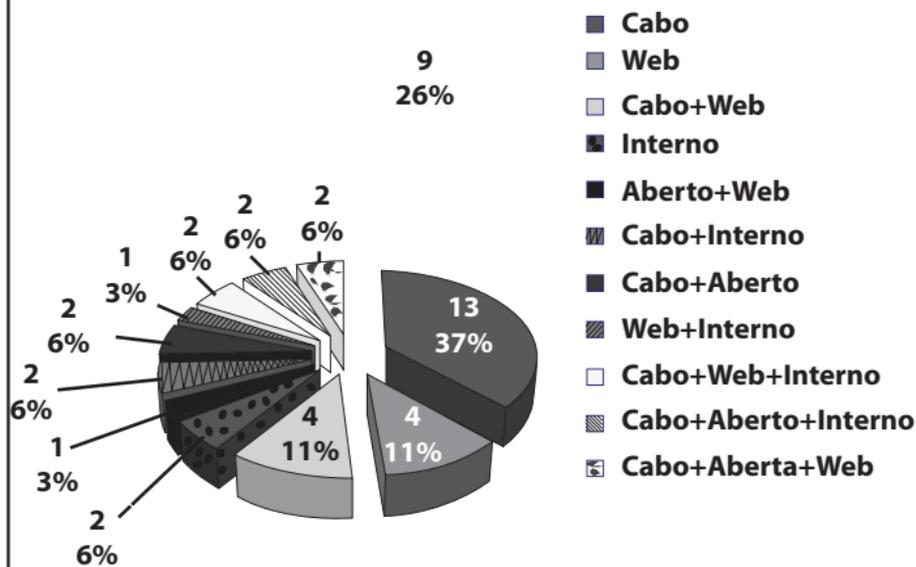


Gráfico 12 - Suporte de exibição das TVs universitárias

Alzimar Ramalho

Compartilhamento

Considerando ser o cabo, ainda, a plataforma mais utilizada pelas TVs universitárias, a pesquisa buscou informações sobre o grau de compartilha-

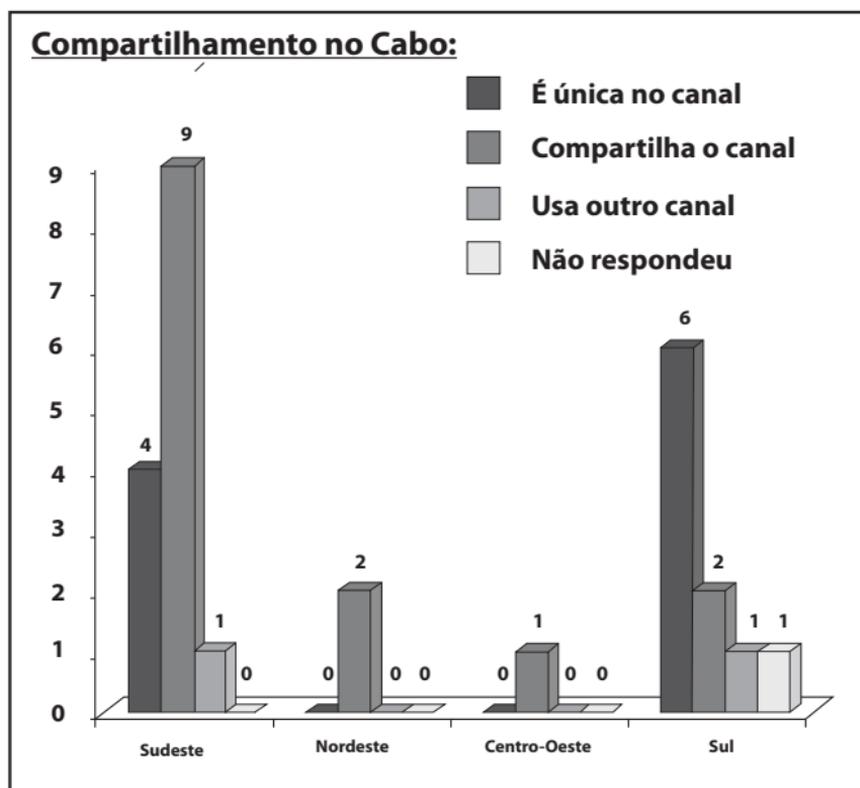


Gráfico 13 - Compartilhamento nos canais a cabo (por região)

Alzimar Ramalho

mento do sinal, e mais uma vez a região Sul apresentou-se diferentemente das demais. Enquanto no Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste o compartilhamento com outras TVs é mais comum, no Sul a maioria dos canais é ocupada por uma única instituição.

Considerando a realidade nacional, vê-se que a prática de compartilhamento do sinal abrange 52% das TVs, 37% usam sozinhas o sinal disponibilizado pela operadora de TV a cabo e 7% usam outro canal.

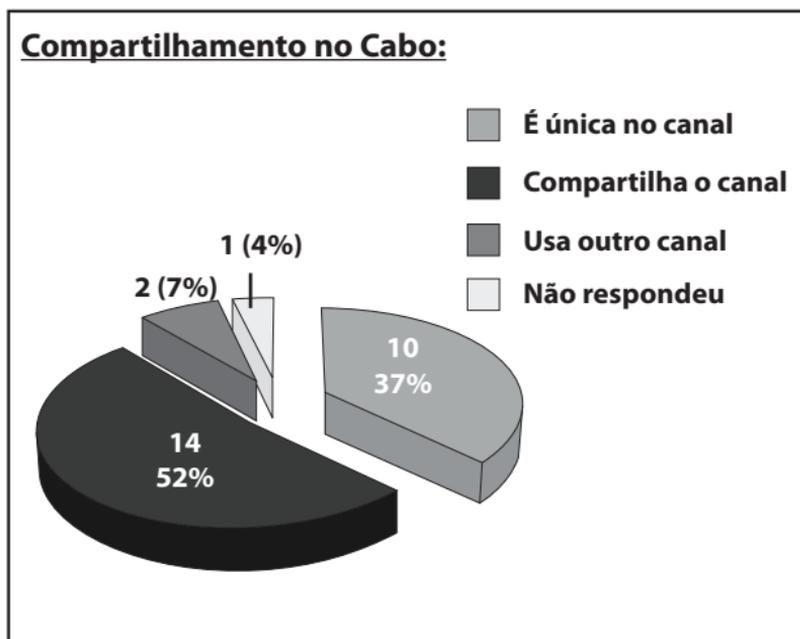


Gráfico 14 - Compartilhamento nos canais a cabo (geral)

Alzimar Ramalho

Fontes de Financiamento

Na pergunta relativa às fontes de financiamento dessas emissoras, a pesquisa comprovou que quase a totalidade (25 TVs) depende unicamente das verbas orçamentárias, e outras cinco acrescentam a esses recursos uma verba de apoio cultural, embora não passando de 10% dos recursos utilizados para sua manutenção. Apenas a TV Viçosa, ligada à Universidade Federal de Viçosa (MG) respondeu ser autossuficiente, mantendo-se com apoio cultural e lei de incentivo.

Observamos que, na soma das respostas, 97% do segmento depende de recursos orçamentários da instituição, pois apesar de 14% terem respondido que contam com algum tipo de apoio externo, este não passa de 10% do montante necessário para sua manutenção. Ou seja, quando uma instituição de ensino superior decide implantar uma TV universitária deve estar ciente de que será preciso dispor dos recursos necessários não somente para fazer frente aos custos iniciais, como à sua manutenção.

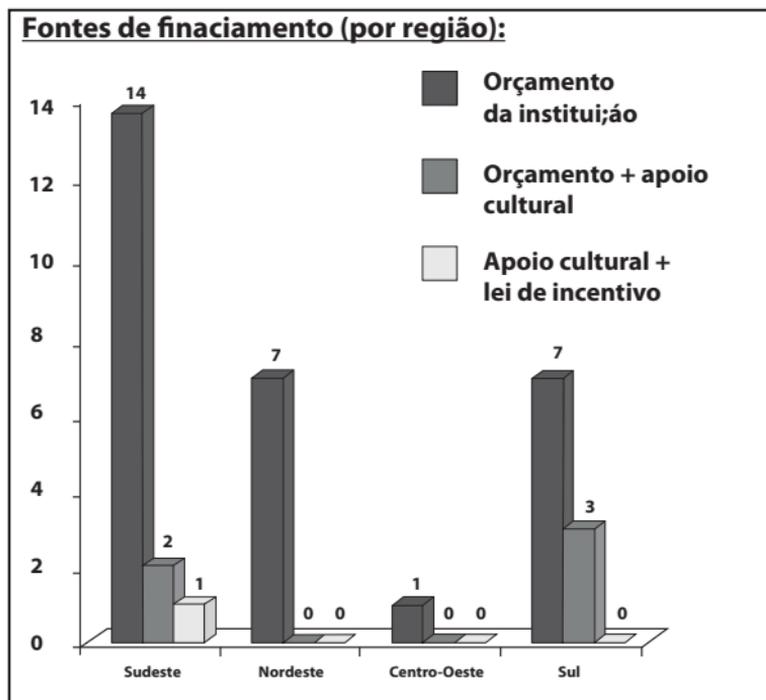


Gráfico 15 - Fontes de financiamento das TVs universitárias (por região) Alzimar Ramalho

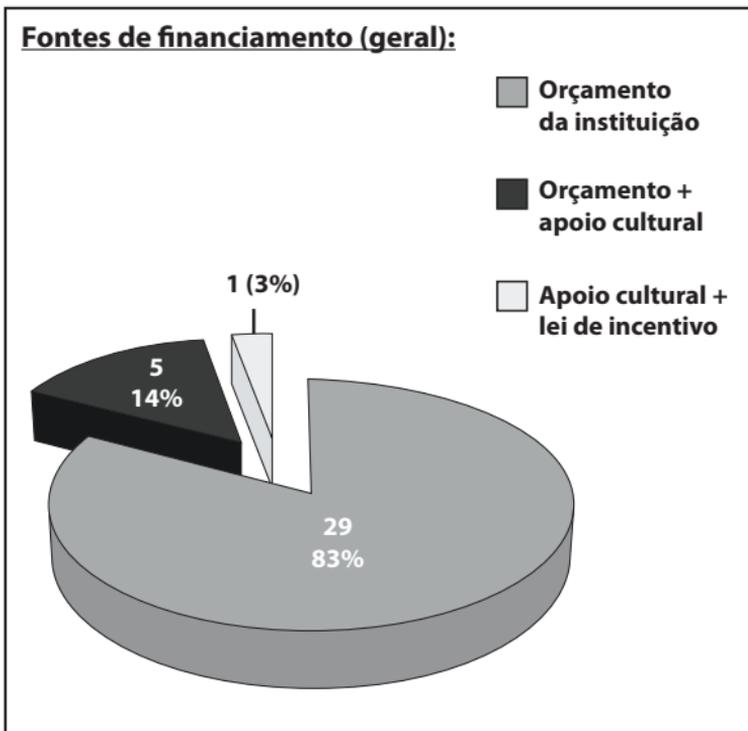
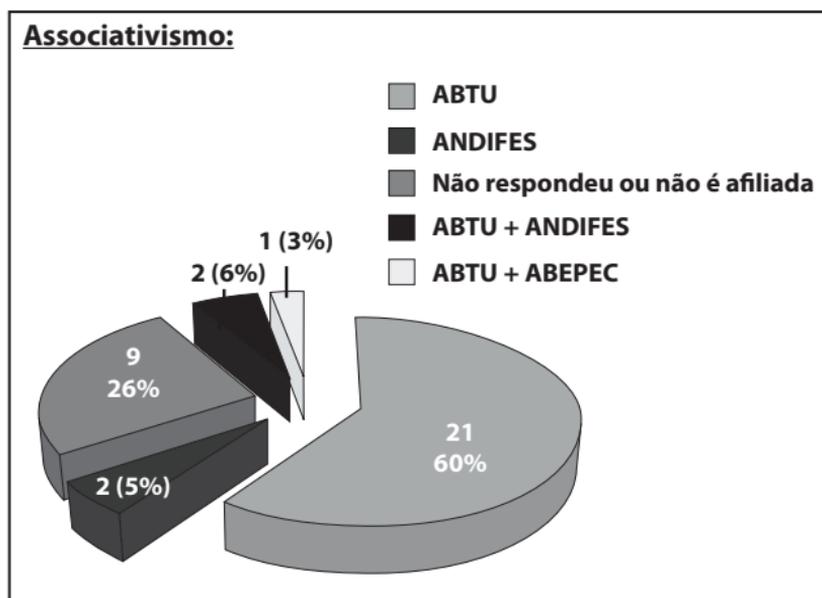


Gráfico 16 - Fontes de financiamento das TVs universitárias (geral)

Alzimar Ramalho

Associativismo

A pesquisa também buscou conhecer o grau de associativismo dessas TVs, assim, registramos que 21 (60%) são filiadas unicamente à ABTU, 02 participam também da Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior), 02 somente a Andifes e 1 à ABTU e Abepec (Associação Brasileira de Emissoras Públicas Educativas e Culturais). 9 não pertencem a nenhuma associação ou não responderam.



Formatos de Programas

Nesta questão, o objetivo foi conhecer a programação das TVs universitárias a partir das sinopses. O critério utilizado é baseado em Aronchi (2004, p. 39), que apresenta a seguinte classificação: entretenimento, informativo, educativo e publicitário. A categorização foi feita a partir do modelo de programação das redes comerciais que operam no sistema aberto e, por esta pesquisa tratar de uma análise de um segmento da TV pública, detectamos nas sinopses que os programas classificados na categoria de “entretenimento” têm um forte viés educativo. E mesmo no restante das mídias, a multiplicidade de experimentos televisivos leva a um hibridismo de formatos, por isso essas categorias não são consideradas como molde, no qual se encaixam os programas. “Entretenimento”, por exemplo, deve ter uma conotação diferente daquela observada pelas TVs comerciais, pois essa qualificação depende do “olhar do fruidor”, que ao sintonizar um canal universitário busca o elemento cultural-educativo.

Antes de apresentar os resultados, se faz necessário considerar que não cabe aqui oferecer informações concretas e definitivas sobre os formatos de programas presentes nas TVs universitárias, pois a maioria dos entrevistados respondeu de maneira genérica, informando os temas abordados nos programas. Além do mais, muitos participantes não responderam a esta questão, ou então remeteram aos sites das instituições que, igualmente, não ofereciam informações que possibilitassem uma análise assertiva. Mesmo assim, acreditamos que foi possível apresentar um panorama do perfil de programação das TVs universitárias, sendo esse tema merecedor de novas pesquisas, com metodologias mais direcionadas a esse objetivo.

Tabela 1 - Formatos mais presentes na categoria "Entretenimento"

Entretenimento	Sudeste	Nordeste	Centro-oeste	Sul
Musical	4	0	1	5
Variedades	5	2	0	4
Filme	1	2	0	4
Esportivo	0	0	0	3
Auditório	1	0	0	1
Infantil	0	0	0	1
Interativo	1	0	0	2
Culinário	1	0	0	1
Talk show	1	0	0	0
Video-clipe	1	0	0	1

Fonte: pesquisa de campo – APÊNDICE A

Neste levantamento, a categoria “Entretenimento” está mais presente nas TVs localizadas nas regiões Sul e Sudeste, e formatos mais comuns são “Musical” (incluindo entrevistas, shows e vídeos) e “Variedades” (um misto de entrevista, mesa-redonda, reportagens e agenda cultural). Em seguida vem o formato “Filmes”, com maior incidência na região Sul, que são exibidos na íntegra ou em partes, cujos trechos são utilizados como mote para entrevistas sobre a obra ou sobre

Tabela 2 - Formatos mais presentes na categoria “Informativo”

Informativo	Sudeste	Nordeste	Centro-oeste	Sul
Entrevista	29	5	4	17
Telejornal	5	3	1	4
Documentário	8	3	0	2
Mesa-redonda	7	2	2	3
Reportagens especiais	5	4	2	7
Notícias/Enquetes/ Reportagens/Dicas	7	1	0	1
Laboratoriais	5	1	2	4
Debate	7	1	0	1
Entrevista com enfoque em divulgação científica	4	2	0	2
Entrevista com enfoque em extensão universitária	2	0	0	1
Intercâmbio entre TVUs e TVEs	4	0	0	0
Webjornal interativo	1	0	0	0

Fonte: pesquisa de campo – APÊNDICE A

o tema que ela retrata. Outra peculiaridade no Sul é a presença de programas esportivos.

Na categoria “Informativo”, o formato “entrevista” é o mais presente na programação de todas as regiões, seguido de “mesa-redonda”, “reportagens especiais” (muitas veiculadas em séries temáticas), “notícias/enquetes/reportagens/dicas” (normalmente boletins de um a cinco minutos de duração, veiculados durante a programação) e “documentários” (esses, grande parte baseados em depoimentos e histórias de vida). Os “telejornais” estão mais presentes em TVs cujas instituições oferecem curso de Jornalismo, assim como naquelas que veiculam em rede aberta. Espaços para a exibição de trabalhos laboratoriais também estão presentes em todas as regiões, com maior recorrência no Sudeste e no Sul. Apenas uma TV (TV Facopp online, de Presidente Prudente-SP) apresentou o formato webjornal. Nesta categoria, percebe-se uma unificação conceitual dos formatos “mesa-redonda” e “debate”, este último com maior frequência no Sudeste, o que prova mais uma vez que, em TV, os formatos são híbridos.

Na categoria “Educativo” foram localizados, principalmente, programas temáticos com a participação de docentes de vários cursos, com informações sobre saúde, agricultura e meio-ambiente, direito, gestão de negócios e de pessoas. Na comunicação, o tema mais presente é a análise crítica da mídia, especialmente quanto a produção jornalística e publicitária. Programas “instrucionais” têm como principal enfoque temas ligados a tecnologia para a formação do professor. Nota-se que, apesar de estar ligado a instituições de ensino, o segmento não faz da sua TV uma “sala de aula com antenas”, que comprovadamente não é adequado ao veículo e uma das causas da rejeição por parte dos receptores, considerando as raízes históricas da TV educativa brasileira.

Tabela 3 - Formatos mais presentes na categoria “Educativo”

Educativo	Sudeste	Nordeste	Centro-oeste	Sul
Temático	4	0	0	2
Instrucional	2	0	0	0
Teleaula	0	1	0	0
Dramatização/ literatura	1	1	0	0
Palestra/painel	0	1	0	0

Fonte: pesquisa de campo – APÊNDICE A

A essas categorias, o item “Outros” abarca alguns formatos que não se adequaram aos acima descritos. Percebe-se que o Sudeste se destaca pela veiculação de produções independentes, tanto de outros departamentos quanto externas à instituição, embora estejam presentes em todas as regiões. Os convênios mais citados são com o Instituto Itaú Cultural, a TV Cultura de São Paulo, o Ministério da Educação, o Poder Legislativo, o Poder Judiciário e, no Sul, com a Emater (Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural).

Programas institucionais em formato de “revista eletrônica”, com temáticas voltadas às atividades acadêmicas e administrativas, também estão presentes em praticamente todas as TVs, o que não causa surpresa já que um dos objetivos que justificam o investimento é a possibilidade de a universidade se apresentar à sociedade, e a propaganda institucional faz parte desse contexto. Muitos, em lugar de notícias institucionais, optam por programas de entrevistas e reportagens com o conteúdo voltado para questões ligadas ao mercado de trabalho com destaque nas áreas de formação oferecidas pelos seus cursos, com a participação dos professores e relatos de experiências de ex-alunos.

Tabela 4 - Formatos mais presentes na categoria “Outros”

Outros	Sudeste	Nordeste	Centro-oeste	Sul
Revista eletrônica - institucional	11	3	0	7
Produção independente	6	1	0	1
Religioso	2	0	0	4
Especiais	1	0	0	0
Agenda cultural	3	1	0	0
Revista temática	0	1	0	4
Eventos	1	1	0	1

Fonte: pesquisa de campo – APÊNDICE A

E, finalmente, na categoria “publicidade”, embora raros, localizamos dois formatos nas TVs pesquisadas. O único formato “comercial” foi detectado em uma TV da Região Sul, que veicula um programa de venda de imóveis, o que demonstra que o segmento de TVs universitárias (ao menos as TVs que responderam o questionário) respeita a legislação, priorizando conteúdos educativo-culturais. E no Sudeste e Nordeste, o formato “político” foi localizado em programas que transmitem sessões da Câmara Municipal.

Tabela 5 - Formatos mais presentes na categoria “Publicidade”

Publicidade	Sudeste	Nordeste	Centro-oeste	Sul
Comercial	0	0	0	1
Político	1	1	0	0

Fonte: pesquisa de campo – APÊNDICE A

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de campo revelou um dado surpreendente: apesar de que os brasileiros já passam três vezes mais tempo por semana conectados na Internet do que assistindo televisão, as poucas experiências de TVs veiculadas pela web limitam-se à postagem de programas nos portais das instituições ou em sites das próprias TVs. Ou seja, na contramão da intensa e crescente migração da população – especialmente os jovens acima de 16 anos – para as mídias digitais interativas, estas não apenas estão relegadas a um suporte secundário na distribuição de conteúdo, como também subutilizadas, pois seu maior diferencial perante as mídias analógicas (a interatividade) não é levado em conta nessa simples transposição de programas de uma plataforma para a outra.

Esperamos, com esses dados aqui apresentados, ter contribuído para uma maior compreensão

do universo que constitui o segmento da TV universitária, na certeza de que muitas lacunas ainda precisam – e serão - preenchidas, em novas e mais aprofundadas investigações. Afinal, é este o principal papel da pesquisa científica.

Referências bibliográficas

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. Gêneros e formatos na televisão brasileira. São Paulo: Summus, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TV POR ASSINATURA - ABTA. Disponível em: <<http://www.midiafatos.com.br>>. Acesso em: 17 fev. 2010.

CARVALHO, Juliano Maurício (Org.). Mapa da Televisão Universitária no Brasil. Campinas: ABTU / PUC Campinas, 2002. CD-Rom

FARAH, Emílio. Brasileiros passam mais tempo na internet do que na TV. 20 abr. 2009. Disponível em: <http://blog.emiliofarah.com/2009/04/20/brasileiros-passam-mais-tempo-na-internet-do-que-na-tv/>>. Acesso em: 06 abr. 2010.

FIOCHI, Letícia da Costa Quinterno; MAYORAL, Tadeu. O Perfil das TVs Universitárias do Brasil. 2008. 58 f. (Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo) – Fundação Educacional do Município de Assis, Assis, 2008.

FÓRUM BRASILEIRO DE TV UNIVERSITÁRIA, XI., nov. 2009, Brasília.

FÓRUM BRASILEIRO DE TVS UNIVERSITÁRIAS, VII., out. 2003, Florianópolis.

FÓRUM NACIONAL DE TV PÚBLICA, I., maio 2007, Brasília.

FÓRUM NACIONAL DE TV PÚBLICA, II., out. 2009, Brasília.

FÓRUM NACIONAL DE TV'S PÚBLICAS, I.:. Diagnóstico do Campo Público de Televisão. Brasília, 2006, Brasília. Caderno de Debates... Brasília: Ministério da Cultura. 2006. 112p.

IDG Now. Na Classe C, 60% das conexões à internet serão de banda larga em 2020.

20 abr. 2010. Disponível em: <<http://idgnow.uol.com.br/internet/2010/04/20/estudo-60-dos-domicilios-da-classe-c-terao-banda-larga-ate-2020/>>. Acesso em: 21 abr. 2010.

LIMA, Suely da Silva. WebTV: a Universidade cai na rede. 2009. 65 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo) – Fundação Educacional do Município de Assis, Assis, 2009.

NICHOLLS, Bill. A Reconstrução do Documentário: recriando o passado. In: CULTURA INGLESA FESTIVAL, 13. São Paulo, maio 2009. (Palestra).

_____. Os documentários aprendem a falar. In: CULTURA INGLESA FESTIVAL, 13. São Paulo, maio 2009. (Palestra).

PRIOLLI, Gabriel; PEIXOTO, Fabiana. A TV Universitária no Brasil: Os Meios de Comunicação nas Instituições Universitárias da América Latina e Caribe. Associação Brasileira de Televisão Universitária. 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001399/139903por.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2010.

RAMALHO, Alzimar R. O perfil da TV universitária e uma proposta de programação interativa. 2010. 173 f.: il. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. A TV universitária como ponte entre a produção científica e as massas: a TV FEMA em Assis (SP). 2005. 113 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação: Mídia e Cultura) - Universidade de Marília, Marília, 2005.

_____. Entre Universidade e Sociedade, há espaço para a Televisão. Revista RuMoRes, São Paulo, ed. 5, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www3.usp.br/rumores/autor.asp>>. Acesso em: 05 set. 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

1) Nome da Instituição: _____

1.1 Sua Instituição tem uma TV Universitária?

() sim () não

2) Estrutura Institucional

() Universidade

() Centro Universitário

() Faculdade(s)

() Centro Tecnológico

() Institutos de Pesquisa com ou sem cursos superiores

3) A TV está ligada à

() presidência da Mantenedora ou Fundação

() outro órgão da Mantenedora ou Fundação

() reitoria

() pró-reitoria Qual? _____

() curso de Comunicação

() outro curso Qual? _____

4) O conteúdo é produzido por:

() Alunos e professores

() Estagiários, professores e funcionários

() Profissionais contratados

() Empresa terceirizada

5) Quantas horas sua TV produz semanalmente, de programação inédita?

- até 1 hora
- de 1 a 3 horas
- acima de 3 horas

6) Quantas horas semanais de exibição, incluindo as reprises?

- até 7 horas
- de 7 a 21 horas
- acima de 21 horas

7) Sistema operacional (pode marcar mais de uma opção)

- aberto
 - cabo
 - internet Qual o site? _____
 - circuito interno
 - MMDS
 - outro – qual? _____
 - exibe em outras emissoras, educativas e/ou comerciais. Qual(is)? _____
- _____

8) Se veicula sua programação no cabo:

- É a única que ocupa o canal universitário
- Compartilha o sinal com outra (s) IES (s)? Quais?

- Usa outro canal: _____ comunitário; _____
local da operadora; _____
outro: Qual? _____

ANEXO 1

LISTAGEM DE IES QUE PRODUZEM TV UNIVERSITÁRIA

Região Sudeste
Associação de Ensino de Ribeirão Preto
Centro Universitário Augusto Motta
Centro Universitário da Cidade - UniverCidade
Centro Universitário de Araraquara - UNIARA
Centro Universitário de Votuporanga - UNIFEV
Centro Universitário Fieo - UNIFIEO
Centro Universitário Moura Lacerda
Centro Universitário Plínio Leite – UNIPLI
Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL
Centro Universitário São Camilo - Espírito Santo - CUSC
Centro Universitário Toledo - UNITOLEDO
Centro Universitário Una
Centro Universitário Vila Velha - UVV
Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação - ESAMC
Escola Superior Dom Helder Câmara - ESDHC
Faculdade Cásper Líbero - FCL
Faculdade de Ciências Administrativas e Contábeis de Itabira - FACCI
Faculdade de Ciências Ambientais de Caratinga - Doctum
Faculdade de Ciências e Tecnologia de Unaí - Factu - FACTU - MG
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde - SESPA

Faculdade de Direito do Sul de Minas - FDSM
Faculdade de Minas - FAMINAS
Faculdade Pinheiro Guimarães - FAPG
Faculdade Pitágoras de Ipatinga
Faculdade Pitágoras Unidade Fadom - TV Pitágoras
Faculdade Prisma - Montes Claros - MG
Faculdade Tecsona - FATEC
Fundação Armando Álvares Penteado
Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis – TV FEMA
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
UEMG - Campus Frutal
Universidade José do Rosário Vellano
Universidade de São Paulo - USP
Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO
Universidade do Grande ABC - UNIABC
Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE
Universidade do Sagrado Coração
Universidade do Vale do Paraíba- UNIVAP
Universidade Estadual de Campinas - Unicamp
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp
Universidade Federal de Minas Gerais
Universidade Federal de Viçosa
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Universidade Federal Fluminense

Universidade Metodista de Piracicaba
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Universidade Santa Cecília de Santos
Universidade São Judas Tadeu
Universidade Veiga de Almeida - RJ

Região Sul
Associação Paranaense de Ensino e Cultura-APEC
Centro Universitário FEEVALE
Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRitter
Centro Universitário UNIVATES
Escola Superior de Estudos Empresariais e Informática - ESEEI (Curitiba)
Faculdade Assis Gurgacz - FAG
Faculdade de Pato Branco - FADEP
Faculdade Dinâmica das Cataratas - UDC
Faculdade do Norte Novo de Apucarana - FACNOPAR
Faculdades Integradas do Brasil - UNIBRASIL
Faculdades Integradas dos Campos Gerais – CESCAGE
Fundação Universidade de Cruz Alta
Fundação Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL
Instituto de Ensino Superior de Foz do Iguaçu - IESFI
Instituto de Ensino Superior de Londrina - INESUL
Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS
Universidade Católica de Pelotas - UCPEL
Universidade Comunitária Regional de Chapecó - UNOCHAPECÓ

Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE
Universidade de Caxias do Sul - UCS
Universidade de Passo Fundo – UPF
Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC
Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC
Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL
Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
Universidade Estadual de Londrina - UEL
Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA)
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Universidade Federal do Paraná - UFPR
Universidade Federal do Rio Grande - FURG (RS)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
Universidade Paranaense - UNIPAR
Universidade Regional de Blumenau - FURB
Universidade Tuiuti do Paraná – UTP

Região Centro Oeste

Anhangüera UNIDERP - Centro Universitário de Goiás - Uni-ANHANGÜERA
Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Centro Universitário Euro-Americano - UNIEURO
Faculdade Alves Faria - ALFA
Faculdade de Administração de Alta Floresta - FAFLOR

Faculdade Sul-Americana - FASAM - GO
Faculdade Unigran Capital - Unigran Capital
Faculdades Integradas da Upis - UPIS
Faculdades Integradas de Três Lagoas - AEMS
Instituto Superior de Educação Paulo Martins – ISPA
Universidade Católica de Brasília - UCB
Universidade Católica de Goiás – UCG
Universidade Católica Dom Bosco - UCDB
Universidade de Brasília - UnB
Universidade Federal de Goiás - UFG
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Região Norte

Centro Universitário do Norte - UNINORTE
Faculdade de Educação de Porto Velho - UNIRON
Faculdade de Estudos Avançados do Pará - FEAPA
Faculdade ITOP
Instituto Esperança de Ensino Superior - IESPES (Santarém –Pará)
Universidade da Amazônia - UNAMA
Universidade Federal de Roraima – UFRR
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Universidade Federal do Pará – UFPA

Região Nordeste
Centro de Estudos Superiores de Maceió - CESMAC
Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte
Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ
Centro Universitário do Maranhão - UNICEUMA
Faculdade Boa Viagem - FBV (PE)
Faculdade de Ciências Aplicadas Doutor Leão Sampaio - LEÃO
Faculdade de Ciências Educacionais - FACE
Faculdade de Ciências Humanas e Jurídicas de Teresina - FCHJT
Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba - FCM-PB
Faculdade de Ensino Superior da Cidade de Feira de Santana - FAESF/UNEF
Faculdade de Tecnologia CDL de Fortaleza
Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC SALVADOR
Faculdade Dois de Julho - F2J
Faculdade Integrada da Grande Fortaleza - FGF
Faculdade Nordeste - Fanor
Faculdade Piauiense - FAP
Faculdade Regional da Bahia - FARB
Faculdade Sete de Setembro - FA7
Faculdades Integradas Ipitanga - Unibahia
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP
Universidade Católica do Salvador
Universidade de Fortaleza- Fundação Edson Queiroz UNIFOR
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Universidade Estadual de Feira de Santana
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
Universidade Federal do Ceará - UFC
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Universidade Salvador